

TOPONÍMIA CAJURUENSE

José Antônio de Ávila Sacramento

Advirto aos leitores que não sou especialista na língua tupi e nem em botânica; assim, não ficarei jururu se o arrazoadado que se segue sofrer algumas críticas ou aperfeiçoamentos. Sou apenas um modesto caipira cajuruense interessado na elucidação etimológica do local que me viu vir à luz. Não quero dar uma de mestre e é óbvio que este não é um tratado acadêmico ou lingüístico. O que vai aqui é a minha humilde tentativa de falar sobre a origem do nome da terra onde nasci¹. As considerações que se seguem são também doces provocações a respeito da natureza das coisas que estão perto de nós; são tentativas de falar do “nosso quintal”, lembrando a famosa assertiva que comumente e erradamente é atribuída ao escritor russo Liev Tolstói, em detrimento de Aleksandr Púchkin².

Na região de São João del-Rei temos o Arraial de São Miguel do Cajuru, cujo topônimo, como se acredita, é composto da devoção migueliana e de duas palavras indígenas da língua geral, o Tupi: “Caá”, significando “mata”, e “yuru”, que significa “boca”, ou seja: Cajuru é a boca ou entrada da mata, do sertão. Joaquim Mendes chegou a traduzir Cajuru como corruptela de Cáá-Yûrú, ou seja: boca ou quebrada do monte, o que discordo, pois morro (monte ou elevação do terreno) encontra seu significado mais distinto em “camã”. Já Karl Friedrich Philipp von Martius, em seu “Glossaria Linguarum Brasiliensium – Glossarios de diversas lingoas e dialectos, que se fallão os índios do Imperio do Brazil”, de 1863, traduziu “caajurú” por “cáá” (mato) e “ajuru” (papagaio), ou seja, mato de papagaios. Frei Francisco dos Prazeres Maranhão afirmou que Cajuru pode significar também “mato triste e feio”. Vale dizer que o “Nheengatu” incorporou o Tupi, a Língua Geral, a língua boa, o idioma corrente daqueles gentios típicos que habitavam as terras litorâneas da então Terra de Pindorama. Sendo assim, a tradução e o entendimento destes termos não contemplam só os significados que cada palavra evoca separadamente; as suas significações podem ser mais amplas e só serão bem compreendidas a partir da observação dos elementos físicos onde elas ocorrem ou das coisas que elas designam.

Deixo aqui mais uma opinião sobre outra possível origem do topônimo cajuruense: a botânica. Esta argumentação proveio do pensador José de Alencar Ávila Carvalho (1925-2000), que certa vez me apresentou seu testemunho sobre uma menos conhecida origem da palavra. Ele relatou, conforme já tive oportunidade de escrever no volume IX da Revista do IHG de São João del-Rei (ano 2000), que “em pequeno, dêo o Cajuru da sua infância perdida ou aprofundada, ouvia das nêgas com qu’ele buscava água para a avó Mariana, na Fonte do Pintor: ‘Óia Nhô, nestes matos do Pintore tem muita Cajiru, essas rosinhas brancas, em tufos, que dão mais que latadas dentro do mato”.

Então seria o nome dessas florzinhas uma outra possível origem do nome Cajuru? Seria essas florzinhas o “Abajeru” (Coupeia canomensis), da família das Crisobalanáceas? Ou seria uma outra espécie (a “Arrabidaea chica”, da família “Bignoniaceae”), cujos nomes populares são Cajuru, Carajiru, Crajiru, Carajuru, Chica, Cipó-Cruz, Guajuru,

¹ Texto publicado originalmente no Jornal de Minas – S. João del-Rei/MG, Ano X, ed. nº 129 – 25 de junho a 01 de julho de 2010.

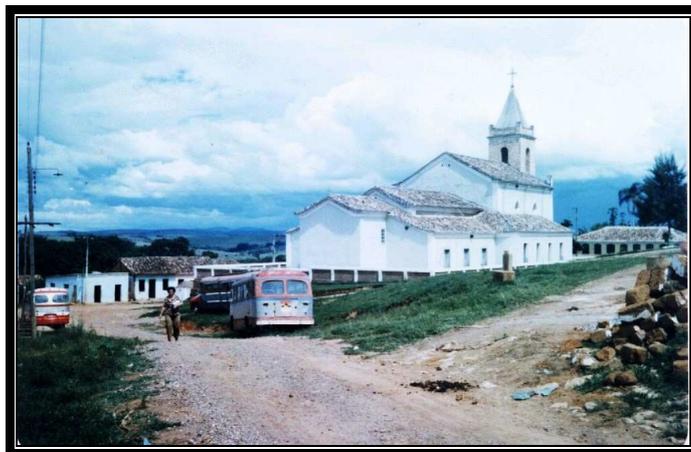
² A frase “seja universal, fale do seu quintal” é comumente atribuída ao escritor russo Liev Tolstói. Mas o autor da frase foi o poeta, prosador e dramaturgo russo Aleksandr Púchkin. Tudo aconteceu quando um jovem escritor russo procurara por Púchkin, indagando como proceder para fazer que um romance se tornasse universal; Púchkin respondera-lhe: “Queres ser universal? Fale sobre o seu quintal” (ou sobre a sua aldeia). O jovem escritor que consultou a Púchkin era Nikolai Gogol, autor do romance “Almas Mortas”, obra-prima da literatura universal.

Guarajuru-Piranga, Oajuru e Quapiranga? Será que essa espécie de rosácea selvagem pode ter uma subespécie de floração branda já classificada (o “*Chrysobalanus icaco* L.” da família “*Chrysobalanaceae*”?) ou ainda por classificar?

É evidente que estas colocações são apenas subsídios para algo mais completo que se queira descobrir. De qualquer forma, salve a memória da negra “Maria Brita” (Maria Brígida) que, buscando água na “itororoma” do Mato do Pintor, cuidando do seu pote na rodilha e da rodilha na cabeça, ainda teve como mostrar e ensinar ao meu tio Alencar o que era o “Cajuru”, delicado nome das rosinhas que brotavam nos matos cajuruenses.

Cajuru, como continuou explicando José de Alencar, tende mais a ser “um termo descritivo, geográfico: é onde a estrada ou o caminho das tropas sorocabanas saía dos matos para as campinas, que se estendem bastante de Norte ao Sul, desde os cerrados até os pampas...”. O distrito seria, então, a altura em que os tropeiros e viajantes, vindos do sul, deixavam as matas e, finalmente, atingiam-se os campos limpos (hoje Campos das Vertentes), deixando fechada, portanto, a boca-do-mato, ou seja, a região do arraial do Cajuru. Mas “Cajuru pode ser também botânico: é os ‘jiru’ dos caá, os ‘jirus’ dos matos úmidos, das florestas axilares do planalto mineiro. Jiru - Guajiru é termo registrado por Pereira da Costa (velho pesquisador pernambucano), com o sentido de mulato, da cor da fruta indígena deste nome, ou seja, de um vermelho escuro, vivo, lustroso. Guajiru é uma rosácea descrita por Georg Marcgraf com o nome ‘Guajiru’, como informado por Bernardino José de Souza, no Dicionário da Terra e da Gente do Brasil” (4ª ed., Onomástica Geral da Geografia Brasileira, Brasileira; vol. 164).

Assim, reiteradas as minhas advertências iniciais, registro a relevância que os termos indígenas e botânicos têm no nosso vocabulário, na toponímia nacional e mineira, especialmente nas indicações etimológicas e classificações botânicas que apresentei a respeito do surgimento do nome do arraial bandeirante da “Boca do Mato”. Ao mesmo tempo, deixo aqui registrada a minha pequena contribuição para que se fortaleça um entendimento maior a respeito da herança vernacular daquelas mil ou mais de mil línguas e/ou dialetos indígenas que aqui existiam quando do início da nossa colonização, época em que “os tupiniquins estimavam muito os que aprendiam a falar como eles e tinham por grande homem aquele que conhecesse mais palavras”³.



Aspecto do arraial de São Miguel do Cajuru
Foto de Ana Maria de Ávila – final da década de 1970

³ Conforme José Roberto Torero & Marcus Aurelius Pimenta no livro *Terra Papagalli* - Ed. Objetiva, ano 2000, pág. 67.